

# Vínculo interpessoal: uma reflexão sobre diversidade e universalidade do conceito na teorização da psicologia

## *Interpersonal bonds: a reflection on the diversity and universality of the concept in psychological theorization*

Ana Maria Almeida **CARVALHO**<sup>1</sup>

Isabella **POLITANO**<sup>1</sup>

Anamélia Lins e Silva **FRANCO**<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a ubiquidade dos conceitos de vínculo e vinculação, especialmente a partir de dois autores proeminentes na psicologia, que têm pontos de vista e metodologias divergentes, mas convergem no reconhecimento da importância do vínculo na ontogenia e na vida humana. Inicialmente, faz-se uma rápida reflexão sobre o conceito de vínculo interpessoal na literatura ocidental em geral e, a seguir, passa-se a uma análise mais detalhada com base nas obras de dois autores contemporâneos - Jacob Moreno e John Bowlby. Apesar de esta escolha excluir muitas outras contribuições potencialmente relevantes, tanto para a psicologia como para outras áreas, não se teve como propósito apresentar uma revisão abrangente, mas sim uma reflexão conceitual.

**Unitermos:** Comportamento de apego. Psicodrama. Relações mãe-criança.

### Abstract

*This paper introduces a reflection on the ubiquity of the concepts of bonds and bonding, and specifically about two prominent Psychology authors, who start from completely diverging points of view and methodologies but converge in the acknowledgment of the importance of bonds in ontogeny and in human life. To this end, we propose to deliver initially a quick reflection on the concept of interpersonal bonds in Western literature in general, and subsequently a more detailed analysis of two contemporary authors - Jacob Moreno and John Bowlby. Despite the fact that this choice excludes many other potentially relevant contributions, both in Psychology and in other areas, our aim was not to perform a comprehensive review, but rather a conceptual reflection.*

**Uniterms:** Attachment behavior. Psychodrama. Mother child relations.

O objetivo deste texto é realizar uma reflexão sobre a presença do conceito de vínculo interpessoal no pensamento e na cultura que conduzem à Psicologia e que se expressam nela. Não se pretende uma revisão

abrangente, mas sim uma reflexão conceitual a partir de alguns referenciais da literatura. O ponto de partida foi a Grécia, um dos berços da civilização ocidental e inspiradora da denominação de um dos conceitos mais



<sup>1</sup> Universidade Católica de Salvador, Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Av. Anita Garibaldi, 2981, Rio Vermelho, 41940-450, Salvador, BA, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: A.M.A. CARVALHO. E-mail: <amacarva@uol.com.br>.

fortes de vínculo na literatura psicológica - o complexo de Édipo -, e tentou-se desenvolver um argumento que arrisca a irreverência, mas tem apenas a pretensão de provocar debate: Édipo teve complexo de Édipo?

Sobre o que é a história de Édipo? Sobre o triângulo familiar que Freud analisou e imortalizou, e/ou sobre outras coisas também? A história de Édipo pode ser vista, pelo menos em parte, como uma história sobre o destino e a impossibilidade humana de controlá-lo. Resume-se, aqui, o seu enredo: devido a uma profecia que previa que viria a ser destruído pelo filho, Laio, pai de Édipo e rei de Tebas, manda matar o recém-nascido. O encarregado dessa tarefa se compadece do bebê e o entrega para ser criado em uma região distante de seu lugar de nascimento. Anos depois, já adulto, Édipo consulta um oráculo que prevê que ele matará seu pai e se casará com sua mãe. Tentando fugir desse destino terrível, Édipo (que ignora sua condição de filho adotivo) não retorna a seu lar de criação e afasta-se para bem longe dele. Nesse percurso, encontra-se por acidente com seu pai biológico, há um desentendimento e ele o mata. Na seqüência da história, Édipo salva Tebas de um monstro, torna-se um herói e é proclamado rei, casando-se com a rainha viúva, Jocasta, que ignora ser sua mãe biológica. Finalmente, ao descobrir a verdade sobre sua história, penitencia-se provocando sua própria cegueira (Sófocles, 435-410 a.C/ 1952).

Ao olhar para o complexo de Édipo em sua forma mais divulgada - o desejo do filho pela mãe e o conseqüente ódio ao pai -, percebe-se que Édipo não teve complexo de Édipo. A mãe e o pai que o criaram e com quem poderia ter formado esses vínculos desapareceram de sua vida. A morte de seu pai biológico (e até então desconhecido) é um acidente, assim como o casamento com a mãe - não é com a mãe que o alimentou e criou que Édipo se casa, e sim com a rainha: um casamento de conveniência, típico da maior parte da história humana, pelo menos nas classes privilegiadas. O que se ressalta na história, sob este olhar, não é o vínculo com a mãe/pai, e sim o destino inexorável que o leva a destruir o pai e a se casar com a mãe, conforme previram as profecias.

Talvez tenha sido a idéia de destino - para além da analogia superficial dos enredos - que levou Freud a escolher essa metáfora para o seu conceito central. O destino poderia ser significado, em outra leitura, como

a natureza humana, aquilo a que o homem está condenado, por sua pertença específica. É da natureza humana o complexo de Édipo, inescapável como o destino? É o que Freud parece implicar. O homem, por ser humano, está condenado ao vínculo edipiano - e a outros vínculos?

A mitologia grega, tal como se expressa em Homero e no teatro, está repleta da idéia de vínculo, sob várias formas. Páris provoca uma guerra por amor a Helena. Alceste se entrega ao Hades, mundo das sombras e dos mortos, para salvar seu marido Admeto. Antígona enfrenta o tirano Creon para poder enterrar seu irmão. Aquiles vinga com ferocidade a morte de seu amigo Pátroclo - e também se revolta e provoca confusão no acampamento grego diante de Tróia, por lhe terem tomado sua escrava e amante Briseida (Bulfinch, 1999). Também na filosofia grega se encontram tratamentos clássicos a respeito de vínculos. Em "O Banquete", Platão discute o amor (*Eros*); em *Lysis*, discute a amizade (*Philia*). Aristóteles, em "Ética a Nicômaco", dedica dois capítulos à amizade, produzindo uma tipologia que, segundo Tiburi (2005), pode ser considerada pertinente ainda hoje. Tiburi afirma que essa classificação indica que Aristóteles percebeu algo de essencial ou universal nas relações humanas.

Grandes amores, realizados, ou mais frequentemente impossíveis e trágicos, estão espalhados pela literatura de todos os tempos: Guinevere e Lancelot, Tristão e Isolda, Antonio e Cleópatra, Romeu e Julieta. Shakespeare fala do amor e do ódio entre pai, filhas e irmãos em Rei Lear. Hamlet vinga o pai assassinado. Dom Quixote sonha com sua Dulcinéia ao longo de suas peripécias. Os exemplos são infindáveis.

É possível reconhecer, nessas histórias, as mesmas noções e vivências de vinculação detectáveis nos dias de hoje - e, possivelmente, vem daí a eternidade delas. Serão esses vínculos da mesma natureza daqueles vivenciados hoje? Será a vinculação uma propriedade e uma necessidade da natureza humana, como parecem sugerir Freud e a literatura em sentido amplo, ou uma arbitrariedade cultural? A natureza humana é promíscua ou é vinculadora?

Diversos autores parecem questionar a existência universal do vínculo, sem falar em sua natureza. Por exemplo, Elizabeth Badinter, em um ensaio radical e bem conhecido (Badinter, 1985), questiona a univer-

salidade do amor materno, parecendo implicar que o vínculo mãe-filho é culturalmente arbitrário. Seu argumento, no entanto, peca por imprecisão conceitual. O que Badinter demonstra é que, em determinados contextos sócio-históricos, as mães não se expõem ao contato com os bebês, entregando-os para serem criados por outras mulheres (diga-se de passagem, freqüentemente com péssimas conseqüências adaptativas, que resultam em alta mortalidade e morbidade das crianças). Uma vez que não se expõem aos bebês, e estes não convivem com as mães, evidentemente não pode haver formação de vínculo, que depende essencialmente de convivência. Por que isso ocorre? Segundo Badinter, porque não existe um “instinto maternal”, e a regra cultural desse contexto sócio-histórico particular prescreve a inadequação da criação de bebês pelas mães de determinada classe social. Ora, esse é um conceito de relação entre instinto e ambiente extremamente pobre e desinformado, como elucidado por Bowlby. O instinto não é um determinante cego e rígido do comportamento; manifesta-se em interação com condições ambientais particulares e, nesse caso especialmente, em interação com outros seres humanos.

Observe-se ainda que, ao negar o “instinto materno”, Badinter, como muitos outros autores, reduz o vínculo a dimensões individuais, como se ele fosse determinado por alguma pulsão interior das mães. A dimensão relacional se perde. Isso tem se mostrado uma situação recorrente na Psicologia, que poucos autores conseguiram superar (Carvalho & Rubiano, 2004). Entre os que conseguiram, figuram dois sobre os quais este artigo discorre. Um deles é Bowlby, cuja concepção de vínculo se opõe diretamente às de Badinter, e que resgata Édipo sob outra ótica.

### **Apego: o primeiro amor**

Bowlby (2002, 2004ab) concebe o vínculo mãe-filho (ou adulto cuidador-criança), denominado por ele de *attachment* (apego, na tradução para o português), como uma adaptação fundamental da espécie humana, uma necessidade tão primária quanto a satisfação da fome ou da sede. Essa necessidade e os mecanismos pelos quais ela se realiza na ontogênese teriam sido criados no decorrer da evolução humana, em função da importância da proximidade com o adulto para a proteção e o desenvolvimento da criança - que,

reconhecidamente, e sem controvérsias entre as diferentes teorias da psicologia, nasce em condições de absoluta dependência de cuidados do outro. Como um dos argumentos em favor da idéia de manutenção de proximidade como uma adaptação básica, Bowlby aponta que o apego, cujo processo de estabelecimento se inicia possivelmente já na vida intra-uterina, vai se manifestar em termos comportamentais (busca de proximidade com a figura de apego, protesto diante da separação) por volta do oitavo mês de vida, o que coincide com o início da independência locomotora da criança. Sem o mecanismo de apego, a criança se distanciaria dos adultos ao explorar o mundo, e ficaria exposta a seus perigos. O apego modula o impulso exploratório, que é seu complemento, permitindo que a criança explore o mundo em condições seguras.

Qual a natureza desse argumento? Por meio dele, Bowlby, psicanalista de formação, combina seu reconhecimento da força do vínculo mãe-filho com um olhar informado pela Teoria da Evolução: ele se pergunta sobre a *função adaptativa* do vínculo - e, nesse sentido, se distancia de suas origens psicanalíticas, nas quais o vínculo é tratado como algo que beira o patológico, e que deve ser contrabalanceado para a conquista da autonomia e da identidade individual. E qual a importância teórica e científica dessa reorganização proposta por Bowlby a respeito do vínculo mãe-filho? Em primeiro lugar, ela introduz, na psicologia humana, o olhar da etologia, especificamente na área de relações sociais. Se, desde Darwin, em “A Descendência do Homem” (1871) e em “Expressão das Emoções nos Animais e no Homem” (1872), já havia a proposta de estender ao ser humano as questões inspiradas por um olhar evolucionista, é com Bowlby que, pela primeira vez, toma corpo uma interpretação integrada, consistente e empiricamente fundamentada de um fenômeno social básico e característico da espécie. Em segundo lugar, a “Teoria do Apego” desencadeia, com o próprio Bowlby e colaboradores, e posteriormente também com outros pesquisadores, um enorme investimento na pesquisa sobre as relações primárias e sobre o bebê. Em decorrência disso, tem-se hoje um quadro extremamente extenso e minuciosamente comprovado sobre as competências sociais do recém-nascido, suas pré-adaptações para a vinculação, o desenvolvimento do vínculo em diferentes contextos, as conseqüências da ausência de vinculação e inúmeros outros aspectos relacionados ao conceito de apego.

Maiores detalhes sobre a teorização de Bowlby, que evoluíram ao longo de muitos anos de pesquisa, podem ser recuperados em seus próprios textos ou nos de outros pesquisadores (Carvalho, 1988; Politano, 2005; Rossetti-Ferreira, 1984). Para os objetivos deste trabalho, é mais relevante refletir sobre o que o conceito de apego implica em termos da universalidade/diversidade do vínculo, e de um recorte supra-individual dos fenômenos psicológicos.

Evidentemente, dada a sua concepção do vínculo como adaptação humana básica, Bowlby afirma sua universalidade na espécie *enquanto sistema adaptativo*. Nesse sentido, trata o sistema de apego como instintivo. Sua concepção de instinto é muito clara: o instinto não é uma pulsão determinante e inescapável, e sim uma organização psicológica que predispõe a certas modalidades de interação com o ambiente. Assim, o sorriso, o choro e as reações que eliciam no adulto; a predileção do bebê por certas formas de estimulação, todas as quais são fornecidas, em condições naturais, pelo corpo da mãe; a competência senso-perceptiva para certos recortes do ambiente, particularmente a voz e o rosto humanos; sua capacidade precoce de reconhecer cheiros e sons aos quais é exposto mais freqüentemente - são entendidos como partes de um sistema adaptado que, salvo adversidades ambientais, conduz à formação de um laço entre mãe e filho. Isso não implica que todos os apegos sejam iguais, ou que ocorram da mesma forma no decorrer da ontogênese, em quaisquer circunstâncias. A diversidade é reconhecida; no entanto, o foco principal da pesquisa de Bowlby não é uma possível diversidade sócio-cultural ou histórica, e sim a diversidade resultante de contextos particulares de desenvolvimento individual típicos da sociedade ocidental contemporânea: experiências de separação, estilos de interação mãe-filho e outros aspectos proximais do processo social são relacionados a estilos de apego diferenciados: apego seguro, inseguro, ansioso, desapego.

A proposta original de Bowlby enfatiza basicamente a díade mãe-filho: o apego seria um mecanismo caracteristicamente diádico, e preferencialmente de uma única díade (apego monomátrico). Embora, ao longo de sua elaboração teórica, Bowlby tenha relativizado essa noção, seja por influência da abordagem sistêmica que incorporou a seu pensamento, seja por

evidências empíricas sobre a possibilidade de apegos múltiplos, a tônica da teoria do apego continua sendo a díade: a criança pode formar diversos apegos com diferentes pessoas, mas cada relação diádica continua sendo pensada como uma unidade em si, com suas propriedades. Dessa forma, embora a teorização de Bowlby claramente escape de um recorte individual do fenômeno psicológico, pode-se dizer que não ultrapassa o nível das relações diádicas. Este é um dos aspectos em que mais se diferencia do segundo autor aqui abordado.

### No começo foi o encontro

No começo foi a existência. Mas a existência sem alguém ou algo que exista não tem sentido. No começo foi a palavra, a idéia - mas o ato foi anterior. No começo foi o ato, mas o ato não é possível sem o agente, sem um objeto em direção ao qual se dirija e sem um tu a quem se encontrar. No começo foi o encontro (Moreno, 1987, p.16).

Ao passo que Bowlby vem de uma tradição científica - é como tal que se coloca nessa época a psicanálise freudiana, na qual se formou - e nela se aprofunda ainda mais, ao se aproximar da biologia e da etologia, o pensamento de Moreno se inspira em fontes totalmente diferentes: a religião (hassidismo, seita judaica dissidente), o teatro e a filosofia. Da religião advém sua visão de homem e de mundo, na qual se vêem fortes traços de intuição, subjetividade, criatividade, otimismo e do esboço do que viria a ser a sua filosofia do Encontro, da relação com Deus e com os homens (Fonseca Filho, 1980). Do teatro, Moreno traz a ludicidade, a improvisação, a espontaneidade, o desempenho e inversão de papéis, o movimento e a crença na ação transformadora do homem e da sociedade. Da filosofia recebe várias influências: em Bergson, encontra a crença de que o filósofo deve aproximar-se da realidade tal como é em si, em sua origem e, como a palavra não tem a faculdade de levar a esse estado primeiro das coisas, o contato deve se dar por meio da experiência e da intuição, deixando aflorar a espontaneidade; em Kierkegaard, identifica-se com a preocupação para com uma existência autêntica, vivida, com permissão também para a loucura, para o irracional, já que tudo é vida (Martín, 1984). Sua principal influência filosófica, no entanto, é Buber, cujas idéias centrais baseiam-se na

noção de encontro. Diz Buber (apud Fonseca Filho, 1980, p.52): “No princípio era relação”, o que foi parafraseado por Moreno na epígrafe citada acima. Para ambos inexistente, portanto, a noção do homem só, o homem individualidade, constituindo-se sua humanidade apenas quando em relação.

É dessas fontes principais, alheias à ciência no sentido convencional, que Moreno sintetiza seus conceitos básicos de encontro, relação, espontaneidade, criatividade. Vai mais além: recusa ativamente uma postura cientificista (embora em seu trabalho posterior, nos Estados Unidos, tenha se aproximado desta de certa forma), critica a psicanálise e as várias correntes da psicologia de seu tempo. Cria uma religião do encontro, uma terapia por meio de encontros inspirados na dinâmica do teatro (psicodrama), e uma metodologia de pesquisa que permitiria compreender grupos e as relações presentes neles (psicometria). É, assim, muito clara, na teorização de Moreno, a presença de recortes supra-individuais, que seriam constitutivos do sujeito e da subjetividade. É o caso de seu conceito de *átomo social* - “menor estrutura social”, “núcleo de relações que se formam em torno de um indivíduo” (Menegazzo, Tomasini & Zuretti, 1995, p.33) que, segundo Martín (1984), representa uma de suas contribuições à sociologia. Ao referir-se às influências da sociologia nas obras de Moreno, Martín (1984, p.33) cita Chaix Ruy, que situa sua teoria no “ponto intermediário entre o universalismo e o abstracionismo característicos da sociologia, e o individualismo excessivo da psicologia”.

Interessa aqui, especialmente, a concepção de Moreno a respeito do vínculo mãe-filho, de sua importância e de suas funções. Moreno propõe o conceito de *ego auxiliar natural*, entendido como “aquele que atua como prolongamento do bebê para que ele consiga aquilo que ainda não pode conseguir sozinho” (Menegazzo et al., 1995, p.78), sendo geralmente a mãe aquela a desempenhar essa função, ainda que não exclusivamente. Durante toda a sua infância, a criança irá precisar de egos auxiliares - inicialmente os pais - que não apenas interpretem e supram as suas necessidades, mas que a introduzam em uma cultura, de forma a poder assimilar seus valores e padrões (Martín, 1984, p.216). Essa introjeção da cultura se dá, em um primeiro momento, a partir daquilo que Moreno denomina Matriz de Identidade, novo universo no qual a criança ingressa

ao nascer e sair da Matriz Materna. Nesse novo contexto, é oferecida à criança uma *placenta social*, constituída pelos vínculos com os pais e com as demais pessoas ou seres significativos que irão rodeá-la (Menegazzo et al., 1995).

Moreno não define as fases do crescimento da criança catalogando-as de acordo com uma cronologia rigorosa, mas descreve diferentes fases da Matriz de Identidade. Na primeira, ela é “Total Indiferenciada”, caracterizada pela existência de um vínculo entre mãe e filho (entre filho e “ego auxiliar natural”), que funciona como um todo inseparável. Se, para a mãe, nesta primeira fase, existe a capacidade de reconhecer o filho como algo diferente de si, apesar da forte aproximação afetiva, para a criança o mesmo não acontece. É a fase de indiferenciação (Fonseca Filho, 1980), na qual a mãe, separada do filho pelo parto, continua em estreita comunicação, como ego auxiliar.

A segunda fase é a “Total Diferenciada”, em que a criança passa para um estágio de reconhecimento de si mesma, de descoberta de sua própria identidade, começando a descobrir que está separada da mãe (Tu), das pessoas, dos objetos. Esta fase é chamada também de “processo de reconhecimento do Eu”, ou “fase do espelho” (Fonseca Filho, 1980, p.87). Entretanto, ela ainda não é capaz de diferenciar entre real e imaginado, animado e inanimado, aparência das coisas e as coisas como realmente são (Moreno, 1987). Isso ocorrerá em um momento posterior, ao qual Moreno chama de “Matriz da Brecha entre Fantasia e Realidade”, em que a criança se torna capaz de distinguir e organizar dois universos que a cercam: o da fantasia e o da realidade, e de alternar o domínio de cada uma dessas dimensões, buscando manter um equilíbrio entre elas, que persistirá por toda a sua vida (Moreno, 1983).

Tal como no caso de Bowlby, não se fará, aqui, um exame detalhado dos conceitos decorrentes dessas concepções básicas de Moreno (Fonseca Filho, 1980; Martín, 1984; Politano, 2005). Sua opção por um recorte supra-individual e sua consistência na utilização desse recorte estão exemplificadas acima. Moreno não discute explicitamente a questão da diversidade/universalidade, mas parece implícito, em sua teorização, que ele pretende desenvolver uma concepção universal sobre o humano; a diversidade, tal como em Bowlby, fica por conta da variabilidade das experiências individuais.

Embora consciente dos contextos históricos e culturais, sua abordagem não chega à análise concreta de seus impactos sobre a experiência humana.

### **Pontos de partida diferentes e convergências possíveis**

O primeiro ponto para o qual se chama a atenção é a convergência de pensamentos de origens tão distintas em torno dos conceitos de relação ou vínculo, e especialmente da relação mãe-filho, sua natureza e suas funções. Além do reconhecimento da necessidade e universalidade do vínculo, os dois autores convergem, em alguns aspectos, na forma de conceituá-lo e analisá-lo. Assim, a figura de apego de Bowlby - um conceito basicamente descritivo - reaparece no ego auxiliar de Moreno, embora, neste caso, o termo explicita mais claramente uma hipótese de função. Bowlby, principalmente em seus primeiros escritos, enfatiza a função de proteção do sistema de apego, enquanto Moreno enfatiza sua função de aculturação - que, no entanto, veio a ser reconhecida em desenvolvimentos posteriores da teoria do apego. E, em uma das críticas de Moreno à Psicanálise, encontra-se uma colocação que poderia perfeitamente ter sido escrita por um etólogo ou pelo próprio Bowlby, devido à clara implicação de um sentido adaptativo para a infância humana e sua dependência em relação a outros seres humanos:

A teoria psicanalítica de que a existência intra-uterina do embrião é demasiado breve, e que seria inclusive desejável uma gravidez mais prolongada, é errônea ... . O bebê humano poderia nascer bastante independente e auto-suficiente, porém pela longa incubação num ambiente limitado teria sacrificado as oportunidades para as quais o prepara a placenta social ... . Teria sacrificado a produtiva associação, culturalmente significativa, com seres ativos e altamente organizados, em troca de uma vida de isolamento: finalmente, mas não de menor importância, talvez nascesse, em virtude de sua comparativa auto-suficiência, com muito menos necessidade de ajuda mas também menos sensível para a aculturação da herança social incorporada nos ego-auxiliares do novo meio (Moreno, 1987, p.115).

Essa única fonte compartilhada pelos dois autores - a Psicanálise - inspira críticas muito diferentes

que, no entanto, também acabam resultando em certas convergências. Entre estas, a principal é a noção de que a vinculação e a dependência não são neuróticas, mas sim naturais e necessárias. Assim, por exemplo, Bowlby distancia-se da concepção psicanalítica de medo, aproximando-se de um paradigma evolucionista, na medida em que crê que não apenas situações reais, que possam nos ferir ou prejudicar, justificariam um medo "normal". Freud chama este medo de coisas que possam realmente nos lesar de "angústia realística", diferenciando-a da "angústia neurótica", relacionada ao medo de perigos desconhecidos (de ficar só, de ficar no escuro ou de ficar ao lado de estranhos, entre outros) (Bowlby, 2004a). Diferentemente, Bowlby credita a esses medos de perigos desconhecidos uma função adaptativa, de sobrevivência, que deflagra a necessidade de proximidade e proteção da figura de apego.

Com base em argumentos bastante diferentes, Moreno chega a uma visão semelhante, embora formulada em outros termos. Segundo Moreno, Freud constrói sua teoria a partir de uma concepção biográfica e determinística de homem, baseada na patologia, buscando causas no passado, sede dos traumas desencadeadores do mal, acessados exclusivamente no contexto terapêutico e individual. Isso levaria a uma concepção da infância e do nascimento como um período de traumas, repressões. Em contraste, Moreno considera o parto - período em que mãe e filho se preparam para uma "catarse de profundo alcance" (Martín, 1984, p.62) - um momento de crescimento, de expansão, de genuína e primeira expressão de espontaneidade do bebê. E ainda, diferentemente de Freud, Moreno afirma a concepção de homem como um ser de relação, alterando o sentido de valor atribuído à dependência na psicanálise.

Bowlby e Moreno aproximam-se ainda na crítica ao conceito psicanalítico de energia psíquica. Em oposição ao modelo de aparelho psíquico de Freud, no qual o comportamento é resultante de um acúmulo de energia psíquica que busca um meio de descarga, Bowlby apresenta um modelo de relações objetais, baseado nas contribuições de seguidores de Freud, tais como: Klein, Balint, Winnicott e Fairbair (Bowlby, 2002), mas se distinguindo de todas elas, principalmente, em função da apresentação de uma nova teoria do instinto. "No lugar de energia psíquica e sua descarga, os con-

ceitos centrais são os de sistemas de comportamento e seu controle, de informação, *feedback* negativo e forma comportamental de homeostase” (Bowlby, 2002, p.20).

Por sua vez, Moreno se rebela contra o que considera implicações determinísticas do conceito freudiano de energia psíquica. Se o homem fosse determinado pelo curso que essa energia vai tomar, não seriam possíveis conceitos como espontaneidade ou liberdade - centrais em seu próprio pensamento (Martín, 1984).

Finalmente, outro aspecto convergente na relação entre os dois autores e a psicanálise diz respeito ao método, embora, desta vez, por caminhos tão divergentes que resultam em propostas metodológicas completamente distintas. Bowlby critica em Freud o método retrospectivo, e propõe a observação do comportamento de crianças em situações reais, tanto na presença como na ausência das mães, buscando descrever as fases iniciais do desenvolvimento de sua personalidade, de forma a poder compreender como a experiência pode interferir no seu processo de desenvolvimento. Na teoria psicanalítica, a tentativa de compreensão do funcionamento da personalidade, em seus aspectos saudáveis ou patológicos, se dá de forma inversa, ou seja, a partir do estudo, em contexto analítico, do indivíduo com a sua personalidade mais ou menos desenvolvida, na tentativa de compreender de que forma ela se desenvolveu, retrospectivamente.

Já em Moreno, a crítica metodológica se dirige principalmente à situação de consultório. Apesar de reconhecer os avanços da psicanálise no campo da psiquiatria, principalmente por ter permitido a inclusão da subjetividade do paciente, acusa-a de só fazê-lo dentro dos limites do consultório, excluindo também as crianças e psicóticos, em função de sua incapacidade transferencial. Concebendo o homem como um ser de relação, atuante no aqui e agora, sustenta que é assim que deve ser entendido e tratado: não só pela palavra, mas, sobretudo, pela ação; e não apenas no contexto individual e circunscrito pelo consultório, mas nas ruas, na vida, no contato e interação com o outro.

A escolha de Bowlby e Moreno para ilustrar este argumento foi relativamente arbitrária, e não implica ignorar o reconhecimento do vínculo interpessoal em inúmeros outros contextos teóricos da psicologia e da sociologia. No entanto, em muitos desses contextos,

talvez na maioria deles, o vínculo é tratado como um desdobramento da individualidade, ou mesmo como uma concessão desta a outras individualidades - e não como uma realidade primeira, matriz da própria individualidade, como ocorre nesses dois autores. Essa talvez seja a convergência mais interessante entre dois autores oriundos, respectivamente, de uma tradição biológica e de uma tradição quase anti-científica.

### Retomando universalidade e diversidade

Essa convergência parece sugerir que se trata de um fenômeno cuja ocorrência e universalidade se impõem ao olhar dos pesquisadores, e emergem por trás da disparidade de contextos de produção do conhecimento e da resultante pluralidade de concepções.

Afirmar que o vínculo interpessoal é universal é uma hipótese sobre uma das especificidades da natureza humana. Não implica, no entanto, um conceito simplista de instinto. Por sua própria essência, o vínculo requer uma relação particular entre a preparação biológica do ser e sua experiência no mundo - no caso, no mundo social, na interação com o outro. A mãe não ama um filho genérico, nem o bebê ama uma mãe genérica: é na concretude das interações que o amor é construído entre dois indivíduos particulares. Essa condição dá espaço para a diversidade dos vínculos em cada caso - evidentemente, dentro dos limites possíveis para as capacidades emocionais e cognitivas do homem.

Também há espaço para a diversidade histórica e cultural. Parece difícil duvidar que, ao longo de toda a história humana, tenha havido relações de certos tipos entre mães, pais, filhos, irmãos e outros familiares, amigos, amantes, esposos. As relações interpessoais tecem a trama da vida social. Evidentemente, o significado culturalmente atribuído a essas relações e seu lugar na rede social mais ampla variam historicamente. O Eros de Platão nada tem a ver com o amor romântico, e o vínculo interpessoal é apenas uma parte de seu sentido. A força dos laços familiares (por exemplo, entre gerações, entre irmãos, na família extensa) muda de acordo com modos de vida e de produção, refletindo-se na organização familiar, no papel da família e da rede social mais ampla na criação dos filhos, nos modelos de casamento, e assim por diante.

A presença da diversidade é intrínseca ao modo de vida sócio-cultural humano. No entanto, a diversidade cultural é limitada por aquilo que traduz a humanidade de cada homem, mulher ou criança. O desafio que se coloca a partir desta reflexão é: pode-se conceber alguma sociedade humana na qual não existam vínculos interpessoais?

## Referências

- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: a natureza do vínculo*. Volume 1 da Trilogia *Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2004a). *Separação: angústia e raiva*. Volume 2 da Trilogia *Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2004b). *Perda: tristeza e depressão*. Volume 3 da Trilogia *Apego e Perda*. São Paulo, Martins Fontes.
- Bulfinch, T. (1999). *O livro de ouro da mitologia*. São Paulo: Ediouro.
- Carvalho, A. M. A. (1988). Etologia das relações mãe-criança no ser humano. *Anais do IV Encontro Anual de Etologia* (pp.30-45). Florianópolis.
- Carvalho, A. M. A., & Rubiano, M. R. B. (2004). Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva & A. M. A. Carvalho (Orgs.), *Rede de significações e desenvolvimento humano* (pp.171-187). Porto Alegre: Artmed.
- Fonseca Filho, J. S. (1980). *Psicodrama da loucura. Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Martín, E. G. (1984). *J. L. Moreno: psicologia do encontro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Menegazzo, C. M., Tomasini, M. A., & Zuretti, M. M. (1995). *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. São Paulo: Agora.
- Moreno, J. L. (1983). *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou.
- Moreno, J. L. (1987) *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Politano, I. (2005). *Dois olhares sobre a relação mãe-filho: o conceito de vínculo em Jacob Levi Moreno e John Bowlby*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Católica do Salvador.
- Rossetti-Ferreira, M. C. (1984). O apego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 48, 3-19.
- Sófocles (1952). Oedipus the King. In *Great Books of the Western World* (Vol.5). Chicago: William Benton. (Originalmente de 435-410 a.C.).
- Tiburi, M. (2005). Democracia, amor e amizade. DVD: Palestra da série Café Filosófico, TV Cultura SP. Disponível em [www.culturamarcas.com.br](http://www.culturamarcas.com.br)

Recebido em: 19/10/2006  
Versão final reapresentada em: 3/5/2007  
Aprovado em: 28/5/2007